



A VOZ ROUCA

que não se cala

#4

f A Voz Rouca

Em greve histórica, mais de 250 colégios param

A paralisação de mais de 250 colégios particulares no dia 28 foi histórica. Muito mais do que o chamado de qualquer sindicato, quem fez essa mobilização acontecer foram os próprios trabalhadores – professores, assistentes e funcionários – que se organizaram em cada escola, enfrentando repressão dos patrões e das direções.

VENCEMOS A BATALHA... Foi pela boa e velha "rádio peão" – nos grupos de WhatsApp, corredores e salas de professores – que reunimos nossos colegas, marcamos assembleias em nossos colégios e pusemos em prática a convocação à greve feita pelas centrais sindicais. A auto-organização foi a maior força do nosso movimento. Encaramos resistência de coordenadores e diretores, assédio moral de patrões, pressão de pais-clientes, e mesmo assim nos mantivemos firmes e unidos.

A luta contra essa reforma da previdência e contra as mudanças na legislação trabalhista – patrocinadas por empresários e capitaneada pelos governos – não é só da nossa categoria, mas de todos os trabalhadores. Foi por isso que organizamos, ao longo do dia 28, atividades em várias regiões envolvendo a comunidade escolar.

Desde o começo da manhã ocorreram atividades em Pinheiros, Santa Cecília, Paulista, Butantã e Moema: aulas públicas sobre as reformas, rodas de capoeira, oficinas de arte, atividades para crianças, cafés coletivos e atividades de confraternização.

Em seguida, mesmo com toda a dificuldade de locomoção devido à corajosa paralisação dos trabalhadores do sistema de transportes públicos, fomos até a Praça dos Arcos, onde estava

marcada uma concentração de trabalhadores da educação privada. Lá, uma assembleia de duas mil pessoas, entre professores, funcionários, estudantes e familiares, decidiu seguir em marcha até o ato do Largo da Batata.

...MAS A GUERRA CONTINUA. Ainda é incerto afirmar se conseguiremos barrar os retrocessos que o governo tenta impor aos trabalhadores. Mas, no caso das escolas particulares, demos um passo gigantesco. Até então, tudo corria dentro da "normalidade" – na verdade, uma cavalgada rumo ao abismo. Além da ameaça de precarização com a lei da terceirização e as reformas da previdência e trabalhista, nos últimos anos nosso trabalho tem sido cada vez mais controlado – com a pressão de avaliações externas, plataformas virtuais, material apostilado e o terrorismo do Escola Sem Partido. Com força e determinação, no movimento de paralisação criamos um espírito de solidariedade que se mostrou capaz de frear essa anormal normalidade por um instante e abrir, com isso, novos horizontes de luta e organização.





Foto panorâmica da assembleia na Praça dos Arcos.

Estudantes vão às ruas

Estudantes de diversos colégios particulares também se manifestaram contra as reformas e em apoio ao movimento dos professores no dia 28. Logo cedo, os alunos bloquearam ruas e avenidas na zona oeste e na região central. O trânsito da Rua da Consolação e da Av. Francisco Morato permaneceu interrompido por pelo menos uma hora. Depois, muitos estudantes participaram das aulas públicas em diferentes partes da cidade e se juntaram à concentração dos trabalhadores do ensino privado na Praça dos Arcos. Ao longo do trajeto que de lá saiu, ouviu-se diversas vezes um coro de vozes gritar com determinação: “o estudante se uniu com o professor!”.



Aula pública em Pinheiros com Ludmila Abílio.

Museus também paralisam

Em 16 museus de São Paulo, os trabalhadores também se organizaram e paralisaram. No dia 28, se encontraram em frente ao Instituto Tomie Ohtake para participar em bloco no ato do Largo da Batata. Muitas vezes já terceirizados, os educadores de museus conhecem há tempos a precarização que assombra o futuro de todos nós.



Denuncie o assédio

Dias antes da greve geral, o clima esquentou em boa parte dos colégios particulares. São inúmeros os casos de assédio moral por diretores e coordenadores, que procuraram desarticular o movimento coletivo a partir da coação individual. Ligações, conversas nos corredores, indiretas em reunião, apelos à “democracia” e ao “direito ao trabalho”, turnos maiores para cobrir quem faltasse, argumentos “pedagógicos” que levam à conclusão de que a greve é um desserviço à aprendizagem dos alunos... patrões e gestores tentaram de tudo para “manter o oferecimento do serviço aos clientes” – e alguns pais também chegaram a protestar ao saber que os professores de seus filhos fariam greve.

Mas boa parte dessas tentativas foram em vão: em muitas escolas, a organização dos trabalhadores venceu a pressão vinda de cima. Em outras, porém, a direção conseguiu instaurar um clima de medo capaz de dividir os trabalhadores e inviabilizar a paralisação. A situação é ainda mais difícil para os estagiários, fragilizados por um contrato precário e sem garantias.

No dia 28, alguns de nós foram trabalhar sob o olhar vigilante dos chefes e a ameaça (velada ou não) de demissão – muitos tiveram que escutar sermões contra a greve e cumprimentos cínicos por seu “compromisso com a educação”.

Nosso compromisso urgente é com os professores e funcionários que estão, nesse momento, trabalhando com medo, num ambiente de tensão e insegurança. Só a organização dentro de cada colégio e entre eles pode frear as represálias.

Envie uma denúncia anônima, um relato ou uma reflexão para a próxima edição:



A Voz Rouca



vozrouca@riseup.net